

TREZENTAS NOIVAS A BORDO!

(Condensado do «American Mercury »)

Por Tom S. Hyland

Eis aqui a história- das centenas de homens que se precipitaram sobre o Território de Washington, em 1866, e a saga de 300 mulheres da Nova Inglaterra que atravessaram as águas do Cabo Horn para serem desposadas por indivíduos completamente estranhos, e gerar os seus filhos na solitária «fronteira» de Puget Sound.

A odisséia começou em 1861, quando Asa Shinn Mercer, tendo deixado um pequeno colégio do Ohio, foi nomeado presidente da Universidade de Washington. A cidade de Seattle não tinha sequer, então, dez anos de existência. Os primeiros deveres acadêmicos de Mercer consistiram em escolher o terreno da escola, construir o edifício, preparar as acomodações necessárias para os futuros estudantes, e dar aulas a todas as classes.

De todos os lados, porém, lhe vinha a mesma queixa: não havia mulheres brancas, no lugar, que pudessem vir a ser esposas e mães. O jovem Mercer decidiu que o elemento feminino era o mais imprescindível de quantos faltavam à região fronteiriça. Sugeriu que o próprio Território fornecesse oficialmente os subsídios precisos para a imigração de elementos femininos. A ideia foi bem acolhida, mas os cofres públicos se achavam vazios. Graças, porém, a alguns donativos privados, Mercer pôde partir para Boston, afim de concitar as jovens órfãs ou viúvas da Guerra Civil a acompanhá-lo a Puget Sound. Conseguiu alistar numerosas voluntárias, mas, na hora do embarque, só onze se mostraram com coragem bastante para aventurar-se à travessia. Chegaram a Seattle a 15 de maio de 1864, e dentro de poucos meses estavam todas casadas. Esta leva de onze moças fez com que Mercer se tornasse o homem mais famoso da região. As eleições deram-lhe um posto na assembleia legislativa, e o jovem, desde então, com seu espírito imaginativo, projetou uma tremenda ofensiva sobre as mulheres casaduras do Oeste. Em 1865 lá partiu novamente. Desta vez esperava obter o apoio do presidente Lincoln. Este foi, porém, assassinado na véspera da chegada de Mercer, que felizmente encontrou, da parte do General Grant, uma inestimável assistência. Como houvesse servido nas fortalezas da Puget Sound, Grant guardara uma indelével recordação daqueles homens que por lá viviam sem carinhos e afetos, e das miseráveis mulheres indígenas, e das crianças sujas e famintas, produtos de mestiçagem.

A Guerra Civil terminara, e o governo possui numerosos navios de que não precisava no momento. Graças a Grant, o Exército dispôs-se a ceder um dos novos navios de transporte, por 80 mil dólares—a terça parte do seu valor real. Mas Mercer não dispunha de um centavo. Entretanto, os seus discursos nas igrejas de Boston, e as notícias publicadas nos jornais de Nova York, tinham já produzido resultados, e as moças, em grande número, surgiam em Nova York, com malas de mão, prontas para a viagem prometida, rumo a Puget Sound e ao matrimônio.

Estavam as coisas neste pé, quando Ben Holladay, proprietário de um ser-viço transcontinental de diligências e de uma linha de navegação

expressa, propôs a Mercer que este lhe vendesse o seu navio a vapor. Comprometia-se, em troca, a levar 500 mulheres para Puget Sound, por um preço extremamente razoável.

Mercer aceitou a proposta, preparando-se, alegremente, para embarcar com uma turma de esposas em perspectiva, quando um novo contratempo lhe interrompeu os planos. O New York Herald pôs-se a fazer acusações escandalosas, declarando que as moças iam ser levadas para bordéis. Os homens de Puget Sound, segundo afirmava ainda, eram todos depravados, e qualquer moça que prezasse a sua honra, ou, pelo menos, a sua própria vida, certo não partiria para lá. O sensacional ataque repercutiu em todos os jornais. Metade do rebanho, debilhado embora em lágrimas, cancelou a passagem. As estantes, ou não acreditaram que Puget Sound fosse de fato uma terra de infames pecadores, ou se julgaram duplamente necessárias, já que só elas, em tais circunstâncias poderiam salvá-los.

Mercer fez publicar desmentidos enérgicos, e correu a pedir a Holladay que lhe concedesse algum tempo para preencher as vagas, agora abertas com outras candidatas. O magnata das diligências respondeu-lhe, porém, que, segundo o contrato, somente com 500 passageiras reduziria o preço das passagens. Ofereceu-se, todavia, para transportar as que havia pelo preço corrente. «Só então,» confessa Mercer amargamente, «vi que o contrato não passava de um conto do vigário.» Percebeu, finalmente, que fora o próprio Holladay quem havia inventado a história dos bordéis—e que este se metera no negócio com o fito, unicamente, de comprar por 80 mil dólares um navio que valia 240 mil.

Mercer, contudo, sem se deixar abater, reuniu novamente as suas protegidas, tomando dinheiro emprestado para as que não pudessem custear as despesas da viagem. Eram trezentas, ao todo. A 6 de janeiro de 1866, uma multidão entusiástica veio assistir à partida do vapor do porto de Nova York. Mercer, porém, dadas as furiosas ameaças dos credores, julgou prudente ocultar-se nas carvoeiras...

O Continental nada tinha de romanesco. Quando chegou à altura da boca do Amazonas, o contramestre já se achava preso, a bordo, por ter assassinado estupidamente um marinheiro da tripulação. Uma limpeza parcial e um novo órgão para os cânticos da tarde haviam transformado o navio-transporte de tropas no que seria, por três meses, a habitação daquelas jovens. A comida era escassa e péssima. As moças punham de lado a etiqueta, ao se precipitarem sobre a mesa, a ver se ainda obtinham uns míseros pedaços de fígado assado. Durante dezessete dias consecutivos, o menu constou de feijões cozidos, e chá... de água-salgada.

Em matéria de diversões, os entrecos romanescos foram mais bem sucedidos do que o órgão. Os quatro maquinistas de bordo, todos quatro casados, namoraram desbragadamente e, como o fez notar maliciosamente uma das viajantes, «não tiveram dificuldade alguma em encontrar almas irmãs bem disposta a aceitar aquelas públicas demonstrações de afeto.» A coisa chegou a tal ponto, que o capitão se viu obrigado a trancar num camarote uma das moças, proibindo terminantemente os rapazes de ter qualquer contacto com as passageiras. Até o próprio Mercer se apaixonou, durante a viagem, desposando uma das beldades, mal chegou o navio à Califórnia.

Noventa e seis dias depois da partida de Nova York, o Continental singrava as águas do Golden Gate. Mercer descreveu a chegada: «Como passássemos ao longo dos pontões, todos os caminhos que vinham ter à margem do rio se achavam coalhados de povo, numa extensão de três a quatro milhas. Podemos ouvir de bordo os gritos e as exclamações de boas-vindas. Centenas de embarcações vieram ter ao nosso encontro, procurando aproximar-se afim de lançar uma vista de olhos sobre a preciosa carga que trazíamos. Um dos homens tentou subir a bordo, por meio de uma corda, mas eu sacudi-o na água. Esta cena, presenciada por milhares de espectadores, arrancou novas exclamações de entusiasmo.»

Aquele furor fora inspirado, segundo se queixava Mercer, por «maliciosas calúnias e escandalosas alusões ao caráter daquelas moças». O New York Herald tornara Mercer famoso no país inteiro, como alcoviteiro e, puras ou impuras, as mulheres eram quase tão raras na Califórnia quanto no território ainda quase virgem de Washington. Pessoas bem intencionadas vieram ter ao navio, afim de dissuadir as moças de prosseguir com rumo ao «pecado». Os jornais de São Francisco advertiram-nas do delírio carnal que infestava Puget Sound, esquecendo-se do que ali mesmo se passava.

Ben Holladay recusou-se a levar as jovens até Puget Sound. Mercer gastou os dois dólares que lhe restavam num telegrama dirigido ao governador de Washington. A resposta (paga) consistiu numa centena de palavras de congratulação, sem referência alguma à questão financeira. De qualquer maneira, arranjou, ainda assim, embarcações onde transportá-las para o norte, acompanhando, ele próprio as quarenta do primeiro grupo. O desembarque em Seattle enchia Mercer de receios. Os colonos se achavam irritados devido ao fato de que os escândalos surgidos em torno à sua atividade lhes valera tão má reputação. Por outro lado, alguns amigos e parentes lhe tinham confiado largas somas para aplicações várias nas regiões do Leste. Levado pela fé absoluta no sonho, ou na missão, a que se dedicará, aplicou todos estes fundos na prodigiosa imigração. Aos seus donos, porém, não parecia que algumas jovens pudessem representar segura aplicação de capitais...

Mas o grandioso objetivo dos seus esforços encheu Mercer de audácia. Nem sequer se perturbou, ao lhe avisarem de que a sua vida corria perigo. Quando o navio se aproximou do porto, que estava coalhado de gente, pôs-se de pé, no tombadilho, junto à proa, agitando o chapéu, como ele próprio narraria, «com um quê de triunfante na expressão». Os homens, lá do cais, puseram-se a soltar exclamações de entusiasmo e alegria. Já nem pensavam mais em linchamento. Uma das próprias moças escreveu, de referência ao acontecimento: «Todos os homens que puderam fazê-lo, compraram roupas novas antes do nosso desembarque. Outros vestiam macacões de trabalho, também novos. Pareciam convencidos de que arranjariam logo uma esposa; motivo pelo qual o sr. Mercer disse algumas palavras, explicando que todas aquelas moças eram de bons costumes e que, se os homens as quisessem para esposas, teriam que empregar os velhos métodos.»

E os velhos métodos deram, de fato, resultados. Ao cabo de seis meses todas se tinham casado. Quanto a Mercer, cansado e na miséria, abandonado, além do mais, pelos amigos, acabou por deixar Washington,

passando sucessivamente pelo Oregon, o Texas, o Arizona e o Wyoming, mudando ora de emprego, ora de casa. Mas não perdeu jamais a fé no seu sonho do Oeste. Afinal de contas, realizara uma coisa nunca vista: contribui para a formação de um grande estado americano. Atualmente, os netos das mulheres que ele próprio levou além do cabo Horn, figuram entre os mais preeminentes e mais prósperos cidadãos do Estado de Washington.